

3.4

Samado Bispo dos Santos
– “Sirvo de adubo para esta
terra, mas dela não saio”

Jurema Machado de A. Souza

RESUMEN

En este artículo elaboro una narrativa biográfica sobre las actividades políticas del líder indígena Samado Bispo dos Santos, del Pueblo Pataxó Hãhãhãi. Esta narrativa se entremezcla con el proceso de resistencia para mantener la posesión de tierras amenazadas por los arrendamientos firmados por el Servicio de Protección Indígena y la lucha por recuperar el territorio tradicional del pueblo Pataxó Hãhãhãi. A partir de los recuerdos de uno de sus hijos, nieto, hermana y amigo, el objetivo de la narrativa es demostrar cómo la biografía de este líder revela aspectos fundamentales de la trayectoria histórica de este pueblo. El estudio incluye también al propio Samado, cuya narrativa revela que la comprensión de su papel en la lucha precede a su propia existencia material, revelada en la resistencia de los antepasados de su pueblo de origen, Pedra Branca, en el Recôncavo, al sur de Bahía.

PALAVRAS CLAVE

Pataxó Hãhãhãi
Biografía
SPI
Luchar por la tierra

RESUMO

Neste artigo, elaboro uma narrativa biográfica sobre a atuação política do líder indígena Samado Bispo dos Santos, do Povo Pataxó Hãhãhãi. Essa narrativa é entrecortada pelo processo de resistência para a manutenção da posse das terras ameaçadas pelos arrendamentos celebrados pelo Serviço de Proteção aos Índios, e pela luta para a reconquista do território tradicional do povo Pataxó Hãhãhãi. A partir das memórias de um de seus filhos, neto, irmã e amigo, o objetivo da narrativa é demonstrar como a biografia deste líder revela aspectos fundamentais da trajetória histórica desse povo. O estudo conta também com o próprio Samado, cuja narrativa revela que o entendimento sobre sua atuação na luta é anterior à sua própria existência material, revelada na resistência dos antepassados da sua aldeia de origem, Pedra Branca, no Recôncavo sul da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE

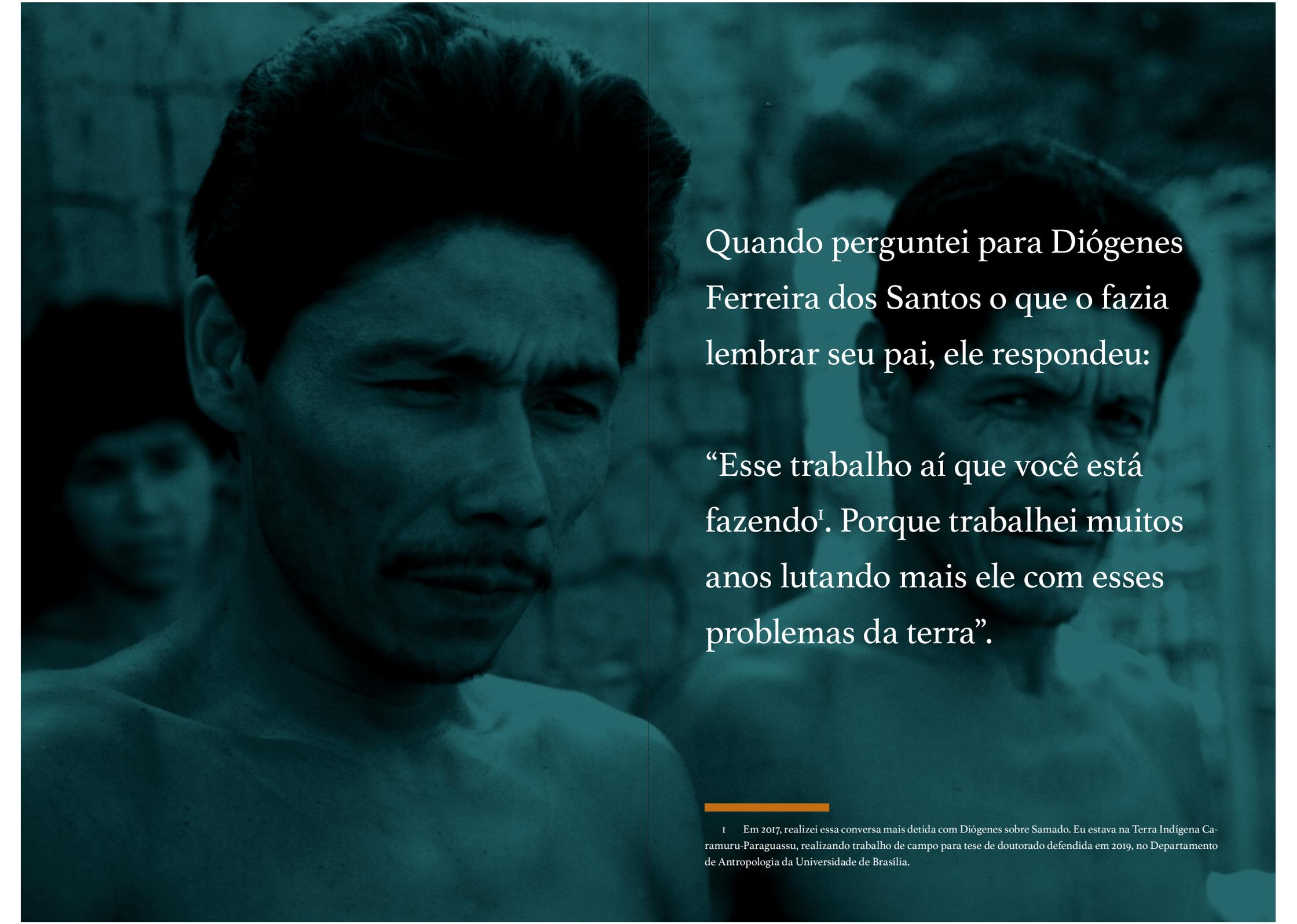
Pataxó Hãhãhãi
Biografia
SPI
Luta pela terra

ABSTRACT

In this article, I prepare a biographical narrative about the political activities of the indigenous leader Samado Bispo dos Santos, of the Pataxó Hãhãhãi People. This narrative is interspersed with the process of resistance to maintain possession of lands threatened by leases signed by the Indian Protection Service, and the struggle to regain the traditional territory of the Pataxó Hãhãhãi people. Based on the memories of one of his children, grandson, sister and friend, the objective of the narrative is to demonstrate how the biography of this leader reveals fundamental aspects of the historical trajectory of these people. The study also includes Samado himself, whose narrative reveals that the understanding of his role in the struggle precedes his own material existence, revealed in the resistance of the ancestors of his village of origin, Pedra Branca, in the Recôncavo south of Bahia.

KEY WORDS

*Pataxó Hãhãhãi
Biography
SPI
Fight for land*



Quando perguntei para Diógenes Ferreira dos Santos o que o fazia lembrar seu pai, ele respondeu:

“Esse trabalho aí que você está fazendo¹. Porque trabalhei muitos anos lutando mais ele com esses problemas da terra”.

¹ Em 2017, realizei essa conversa mais detida com Diógenes sobre Samado. Eu estava na Terra Indígena Caramuru-Paraguassu, realizando trabalho de campo para tese de doutorado defendida em 2019, no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.



Figura 1 — Samado na aldeia Panelão, em 1984
 Fonte — Acervo de Hermano Penna.

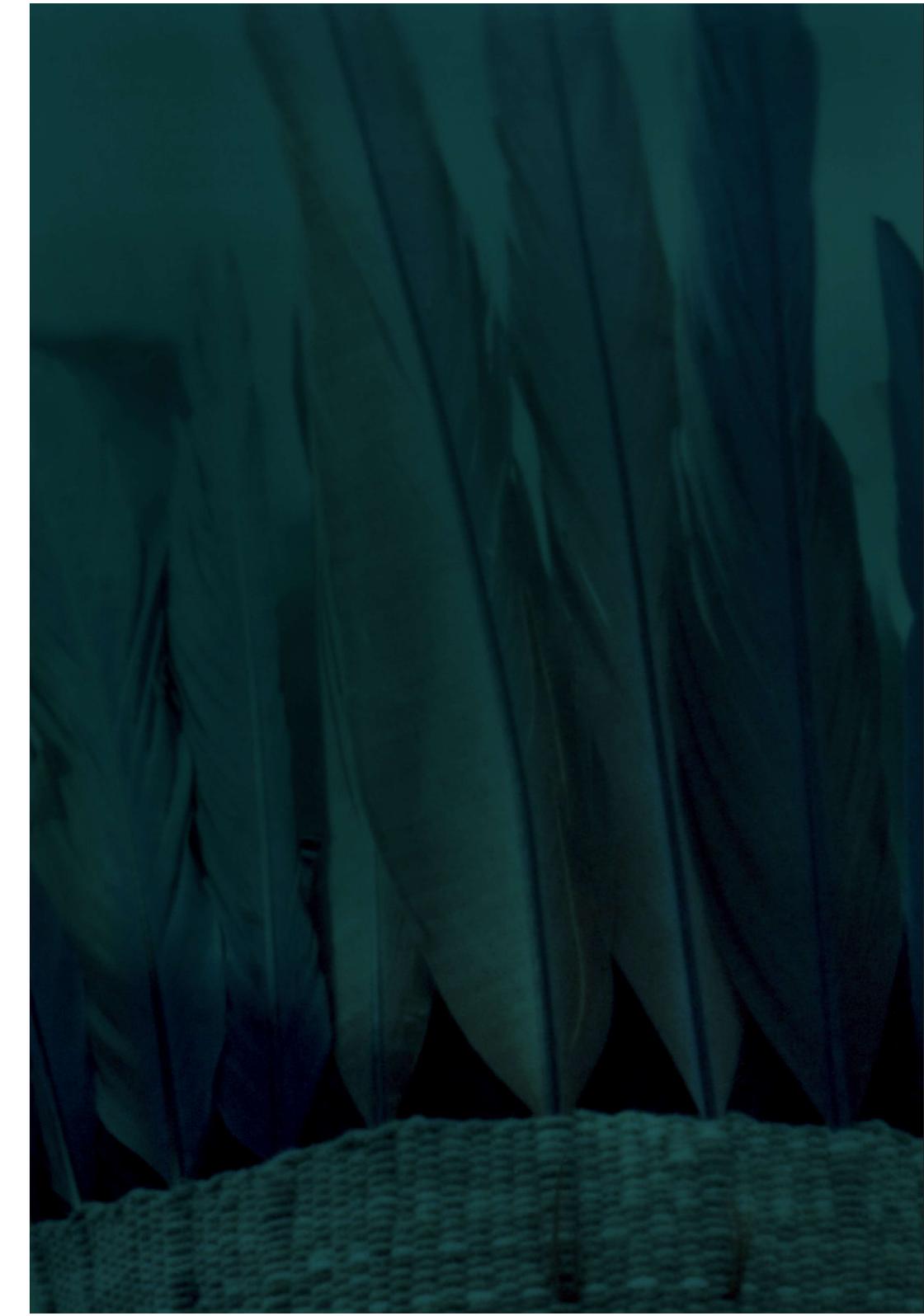
Durante a nossa conversa, Diógenes, além de rememorar fatos marcantes da luta, também fez questão de enfatizar que, entre as coisas que Samado Bispo dos Santos mais gostava de fazer na vida, estava “trabalhar a roça, fazer festa de bumba, de samba, com gaita, e dar festa pra Santo Antônio”. Vez ou

outra, a narrativa de Diógenes sobre a luta, a guerra e a dureza da vida era entrecortada por uma memória de seu pai, sobre o qual, aos poucos, revelou um líder alegre e emotivo, “como são as pessoas que lutam por justiça. Samado era pelo que é certo”. Para a construção da biografia desse importante líder, foi necessário

entrecruzar memórias de pessoas muito diretamente ligadas a Samado dos Santos. A referência a ele costuma surgir em qualquer diálogo sobre a luta pela terra do Povo Pataxó Hãhãhã, portanto, como uma bricolagem, fui juntando trechos de entrevistas, conversas, notas de campo de anos de relação com o

povo. Contudo, como uma maneira de me sentir mais próxima de Samado, tentei estabelecer diálogos mais afetivos, e assim conversei diretamente sobre Samado com seu filho Diógenes dos Santos, seu neto Josivaldo dos Santos, sua irmã Justina dos Santos e seu fiel amigo de muitos anos, Domingos Oliveira.

introdução



Samado Bispo dos Santos talvez seja a figura mais emblemática da luta e da determinação do povo Pataxó Hãhãhã para reaver suas terras.

Os Pataxó Hãhãhã têm muitos líderes e mártires para reverenciar, no entanto, as referências mais recorrentes quando relacionamos palavras como luta e resistência, em lados opostos, mas complementares, são Samado e Bahetá.

O primeiro é visto como líder da resistência política e social; e a segunda, como resistência simbólica e cultural, já que foi a última capturada pelas frentes de atração do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e considerada a única falante da língua Hãhãhã.

DA PARTIDA DE PEDRA BRANCA, DAS PASSAGENS POR SANTA ROSA E SÃO BENTO, E A CHEGADA A RESERVA CARAMURU-PARAGUASSU

Como eu falei para a senhora aquele dia, que eu sou descendente de Pedra Branca. Agora, eu sou do pessoal mais velho mesmo. Quando eles saíram de Pedra Branca, vieram fazer aldeamento num lugar por nome de Santa Rosa. Bom, agora, de Santa Rosa, eu já sou filho de Santa Rosa. Já nasci e criei em Santa Rosa. Agora, o seguinte é que a minha avó falava que Pedra Branca... Vocês querem saber do... de algumas coisas que foram citadas, do acabamento de Pedra Branca?

O trecho acima, retirado de uma entrevista realizada por Maria Rosário Carvalho (UFBA) com o próprio Samado, lá nos idos de 1994, revelou uma memória prodigiosa e uma capacidade de se inserir na luta antes mesmo de possuir existência material no mundo. A Reserva Caramuru Paraguassu é um conjunto de lutas anteriores, pois “cada tronco que tem aqui trouxe uma história, e a rama espalhou na luta por essa reserva aqui”. O tronco de Samado era, pois, o do povo Kariri-Sapuyá de Pedra Branca, saídos do recôncavo sul da Bahia em inícios do século XX. Expulsos dali, quando o poder local não lhes reconhecia o direito às terras do antigo aldeamento de Nossa Senhora de Nazareth da Pedra Branca (Carvalho, 2022), e passou a persegui-los violentamente, os Kariri-Sapuyá ainda resistiram por cerca de 5 décadas. As famílias dispersas teriam fundado uma nova aldeia, desta vez, mais ao sudoeste da Bahia.

Quem fez a aldeia de Santa Rosa foram os índios que vieram de Pedra Branca pra cá por dentro do mato como ele contou aí. Quando chegaram nesse local, eles acharam que podia fazer aldeia ali. E aí fizeram aldeia e foi casando eles e foi crescendo mais. E quando eu me entendi por gente também, a aldeia tinha acabado, já estava no poder do tal Ramiro Tourinho.

Samado completa para Maria Rosário que, de lá de Santa Rosa foram para uma localidade chamada São Bento, explicando que “lá não era aldeia, mas tinha muito índio”.

Em 1937, aproximadamente, ele e sua família receberam a notícia de que “saiu essa medição aqui no posto; correu a notícia pra lá que o exército tava medindo este posto”, contou-nos Justina dos Santos, irmã mais jovem de Samado, e companheira de toda uma vida. Samado teria dito à mãe, Antônia Bispo dos Santos, que estavam recrutando gente para trabalhar: “dizem que tão trabalhando, minha mãe, dizem que tão abrindo uma terra lá, que tão medindo, então vou pra lá, vou ganhar um dinheiro lá”.

Essa terra era a Reserva Indígena Caramuru Paraguassu, criada em 1926, em terras devolutas do estado da Bahia, mas demarcada entre 1936 e 1937, medição a que Samado referiu (Souza, 2019). Então, Samado viajou pra lá e trabalhou até que o exército lhe perguntara de onde ele era. Depois disso, ele foi buscar a família em São Bento.

Nessa época, o seu pai, Marcelino dos Santos, já havia falecido, e ele muito precocemente assumiu os rumos dos seus. Levou a mãe, os avós e irmãos (Bune e Justina) para uma área do Posto Paraguassu, que eles nomearam de “Entra com Jeito”, uma alusão às características do lugar: mata fechada com muita onça e sem qualquer trilha que lhe desse acesso.

Justina conta sobre o trabalho que tiveram para limpar um local para fazer a palhoça e abrir roça: “O SPI [Serviço de Proteção aos Índios] só apontou o local e deu alguma ferramenta. Os índios que fossem cuidar de abrir estrada e se cuidar pra lá”. E acrescenta:

Então ele quando nós entrou pra aqui, Curt veio e falou que ele viesse e que ele tava vindo pra aqui trazer presente pra dar aos índios, pra essa mata bruta, aí então, aqui não tinha estrada era uma arvoreda, ele tava ranchado (hospedado) na casa de Catarine e o irmão de Catarine”. Aí ele veio, né, foi buscar. Ele disse: os índios que você ver Samado, que é de lá, você vai trazendo. Ele foi lá e foi avisando o povo [os Kariri- sapuyá que estavam entre Santa Rosa e São Bento]. E aí o pessoal, os que vinha mais ele, voltava e buscava os outros até que ele foi trazendo nós aqui, todo mundo (Justina dos Santos).

O etnólogo Curt Nimuendaju permaneceu na Reserva Caramuru Paraguassu de 22 de setembro a 28 de novembro de 1938, quando observou o estado de abandono em que ela se encontrava e o que teria ensinado sua intrusão por parte da população



Figura 2 — Teodoro, filho de Samado, conhece em 2003 a Vila onde se localizou o aldeamento de Nossa Senhora de Nazareth da Pedra Branca

Fonte — Acervo de Jurema Machado

regional¹. Justina conta que ele trouxe 21 indígenas de São Bento – “o pessoal de Pedra Branca” – para o Caramuru. Os demais, os próprios parentes se encarregavam de ir buscando, principalmente Samado.

Como o “Entra com Jeito” era muito distante da sede, Samado ia de quinze em quinze dias buscar “farinha, um pouquinho de sal, um pouco de café pra minha mãe, açúcar, a carne bem pouca também – porque não aguentava, ele sozinho não aguentava trazer, né? Mas a nossa vida era comer peixe, caça, como a gente já tava acostumado”.

¹ Carta encaminhada por Curt Nimuendaju ao Diretor do Museu Goeldi, Carlos Estevão de Oliveira, datada de Ilhéus, BA, 8 de dezembro de 1938.

A CORAGEM E O ENCANTO QUE SEGURAM OS TIROS

Samado não passou pelos bancos escolares, nem por qualquer educação formal. “O que ele tinha era memória”, orgulha-se Diógenes, que complementa: “um homem destemido, não tinha medo de falar nada com ninguém. Um homem bom de lutar”.

Ao longo da pesquisa de campo, escuto muitas referências a certas características mágicas e de encanto que possuíam Samado e sua irmã Justina, as quais teriam agido de maneira fundamental na sua trajetória, na capacidade de se articular e defender-se do inimigo. “Samado não era qualquer um”, me diz Domingos de Oliveira, morador da aldeia do Panelão, fundada por Samado na Reserva Caramuru-Paraguassu. Foi Samado quem conduziu a família de Domingos (mãe e irmãos) até as terras da reserva, e em troca receberia sua lealdade na luta.

Samado tinha as conclusões dele bem tratadas, tinha o ritual dele. Se ele tava na frente de uma pessoa assim, quando via, ele já tava lá na frente. Uma pessoa assim, que sabia cuidar. Morreu porque Deus levou e nosso pai tupã quis ele lá com ele, mas que ele foi uma pessoa bem preparada, foi (Domingos Oliveira).

Muito emotivamente, e quase enunciado como discurso, Domingos conta que as habilidades de Samado extrapolavam a explicação natural da vida na terra. Certa vez, em uma das retomadas na aldeia do Panelão, ainda nos anos 1980, Samado e seus liderados desciam a serra empunhando uma bandeira do Brasil, quando encontraram uma trincheira de pistoleiros, que começaram a atirar de imediato. Conta-se que o indígena teria tomado a frente do grupo e todas as balas foram desviadas. Quando pergunto a Domingos a que ele atribui esse e outros ocorridos semelhantes, obtenho a seguinte resposta:



Figura 3 —
Aldeia do Panelão, 1984. Samado, Diógenes, Roque e família

Fonte —
Acervo de Hermano Penna



Em primeiro lugar nasceu a força dele. Um brasileiro legítimo desse país. A primeira força de Samado é essa aí. O senhor que lutou por todo mundo. O brasileiro legítimo que ele era, o grande indígena. Samado foi um guerreiro lutador pra ver os indígenas no lugar merecido. O senhor da terra (Domingos Oliveira).

Josivaldo dos Santos, neto de Samado, diz que a maior lembrança de seu avô foi do dia que ele selou dois animais, um burro e uma égua, e pediu para Roque, seu filho e pai de Josivaldo, que permitisse ao menino, à época com 14 anos de idade, acompanhá-lo em uma empreitada. O ano era 1997 e os Pataxó Hãhãhã estavam envolvidos nas retomadas de cinco fazendas ocorridas nos dias posteriores ao assassinato de Galdino Jesus dos Santos². Seguiram montados pela estrada que desemboca em Pau Brasil, “onde só passava gente de fazendeiro que tivesse arma e quisesse caçar e matar índio”. Quando chegaram à área onde se situava a fazenda do invasor Durval Santana, se depararam com o primeiro impedimento: uma fila de homens armados olhava e inspecionava quem passasse. Samado disse ao neto “Vamos!”, os pistoleiros os olharam “de cima abaixo e mandaram a gente passar”. Seguiram viagem em paz até o Caramuru, quando encararam mais uma trincheira. “Nessa vez, eles já começaram a atirar à distância. Meu avô aproximou o animal dele do meu de um jeito que passou o braço em mim. Abaixamos a cabeça e passamos por todos sem nada de mal acontecer. Eu tremendo de medo”.

Dentre essas cinco retomadas, está a fazenda Paraíso, do invasor Marcus Vinícius, notório inimigo dos Pataxó Hãhãhã, que no terceiro dia de retomada encheu uma caminhonete de homens armados e foi tentar afugentar os indígenas. “Eles não sabiam que a gente tinha dançando Toré à noite toda, e que quando o dia amanheceu, tinha três cobras esmagadas debaixo dos nossos pés, e ninguém tinha percebido”, me disse, certa vez, Edna dos Santos, Edinha, sobre esse mesmo dia. Marcus Vinícius e seus pistoleiros encontraram os indígenas “preparados” e deram meia volta na estrada.

Essa “preparação”, segundo Domingos, “é de pessoas que tem dentro de suas orações, que deus deixou pra usar na hora necessária”. Josivaldo diz que o avô tinha uma inteligência especial, a qual morreu com ele:

² Em 1997 ocorreu, em Brasília, a violenta morte do índio Galdino, incendiando vivo por jovens da classe média alta de Brasília – onde se encontrava para tratar de assuntos indígenas, e que o teriam confundido com um mendigo.



Figura 4 — Diógenes (em primeiro plano) e Roque, filhos mais velhos de Samado Santos, Panelão, 1984
Fonte — Acervo de Hermano Penna

“Não ensinou a ninguém e ninguém também nunca aprendeu”.

“Se não fosse essa preparação os índios não teriam mais nada!”, me diz Diógenes, ao retomarmos a conversa sobre seu pai.

Naquele tempo [no tempo que ainda estavam no Entra com Jeito], não tinha justiça, a justiça era daqueles homens grileiros, que antes chamava pistoleiro. Ele tinha uma área de terra no Entra com Jeito, e tinha lá nesse trecho, era major Liberato, Leonildo, Pedro leite, Luís Nogueira, que era o chefe das pistolagem, ele era morador, prefeito de Pau Brasil, que chamava Santa Rosa, e aí começaram a perseguir, ele saiu tinha ainda o SPI no Rio. Várias viagens ele fez para o SPI no Rio. Mas naquele tempo quem valia era quem tinha dinheiro. Ele acabou saindo daí e indo pra Maxakalis, não ficou lá muito tempo não, depois ele voltou de novo... (Diógenes dos Santos).

Quando “Entra com Jeito” já estava pronta, os arrendamentos corriam soltos nas terras da Reserva

Caramuru-Paraguassu. Samado e a família enfrentavam a cobiça dos invasores, que não cansavam de expandir seus limites para dentro das posses dos indígenas. Ciente de seus direitos e cansado de apelar para a chefia interna do Posto Indígena, Samado viajou algumas vezes para o Rio de Janeiro para denunciar, junto à sede do SPI, a invasão das terras. A primeira viagem ao Rio – para a qual caminharam até o norte de Minas e de lá conseguiram carona – não resultou em muita coisa. Samado então resolveu tentar a sorte na terra do povo Maxakali, pois sabia que Telesforo Martins Fontes³ havia ido para lá quando saiu da Reserva Caramuru-Paraguassu. Todavia, não encontraram Fontes e permaneceram pouco tempo em Minas, pois souberam que as coisas na reserva teriam acalmado e com isso resolveram retornar. Não tardou e as perseguições recomçaram, com roças e palhoças queimadas e intimidações com o uso da força policial. Samado, mais uma vez, parte com destino ao Rio de Janeiro, em companhia de sua esposa Zeferina Maria

3 Notório funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, Telesforo Martins Fontes foi dos primeiros sertanistas do SPI. Atuou na Reserva Caramuru-Paraguassu desde a sua fundação até 1937.

Ferreira – mãe de 7 dos seus 8 filhos – deixando os dois filhos mais velhos, Diógenes e Roque, aos cuidados dos irmãos Bune e Justina.

Eu andava nas costas de finado Bune. De lá a gente já veio pra cá para o Caramuru, saindo do Entra com Jeito pra cá, mas, olhe, meu pai viajava pro Rio, deixou roça, tudo plantando. Finada Justina e finado Bune, cansamos de dormir no mato. Tinha um cachorro que a gente precisava amarrar a boca pra não latir porque eles passavam ali caçando a gente. Aí nós não suportou mais, pra que não acontecesse uma coisa mais pior, deles matarem a gente, fomos de novo pra Maxakalis. Eles quando voltaram do Rio, meu pai e minha mãe, já acharam a gente lá. Quando voltou a gente já veio pro mundo novo, de lá nós fomos pra um local, no Caramuru mesmo, de frente, uma serra, e nós fomos trabalhar de contrato. Nós trabalhava pra um homem chamado Dino, fazendeiro. Depois o Dino vendeu pra Basto Rebouças (Diógenes dos Santos).

O INCANSÁVEL E TEIMOSO INDÍGENA E AS REPRESÁLIAS DO INIMIGO

As famílias indígenas viram-se obrigadas a trabalhar para terceiros dentro de suas próprias terras. Os arrendatários, que se julgavam proprietários, negociavam livremente as terras, passando para filho, vendendo para amigo, e dispondo da mão de obra indígena como bem lhes servisse. Porém, Samado se negava à subordinação e frequentemente constrangia os invasores cobrando-lhes pagamentos para fazer cerca, abrir roças, cuidar de animais, e por cumprimento de acordos entre eles realizados, como, por exemplo, “deixar as roças dos índios em paz em troca de trabalho”.

Nossa maior perseguição aconteceu quando o velho Bastos vendeu pra Jenner [Jenner Pereira Rocha]. Paremos de trabalhar, mas a gente tinha coisa pra se alimentar bem. Juntou Jenner, Luis nogueira, José Brasileiro, que chefe da sede aí no Caramuru., e um dia chegou três policiais, um chamava Normando, outro chamava agora me passou... Aí chegou 3, meu pai tava dentro de casa, pegou pelo braço e levou lá pro terreiro e falou “tira a bagagem de vocês daí desse rancho, que era de palha, e tacou fogo, queimou. Aí nós foi juntar tudo que tinha,

era umas 2h da tarde. Eu tenho o documento que a terra era de meu pai. Aí nós desceu, nós tinha 60 cabeças de ovelha, tinha porco, galinha, guiné, tinha tudo, foi morrendo. Aí nós veio praqui, ali na aldeia velha, que tava na mão do velho Mamédio [referindo-se à mudança para o Panelão]. A gente chegou e veio morar num lugar ali embaixo, a gente chegou ajeitou tudo, abriu manga, plantou tudo. Aí queriam tomar de novo. Aí nós foi em Brasília (Diógenes dos Santos).

Mais uma vez, Samado viajou para buscar seus direitos, mas desta vez o destino já era Brasília, a nova capital federal, e local da sede do novo órgão indigenista recém-criado pela ditadura militar, a Fundação Nacional do Índio, que substituiu o Serviço de Proteção aos Índios – SPI. Samado, que nessa viagem já foi acompanhado por Diógenes, trouxe na bagagem um documento encaminhado ao chefe José Brasileiro, que ordenava que Samado Santos e família fossem realocados nas suas terras. Diógenes descreveu a ira de José Brasileiro quando eles lhe entregaram o documento. No mesmo momento, voltaram e refizeram a casa. Contudo, a vingança dos poderosos não tardaria, e, com quinze dias, dois policiais e um sargento chegaram à roça para comunicar que Samado e Diógenes deveriam se apresentar ao Capitão Pinheiro⁴, que estava em Pau Brasil. Chegando lá, ficaram presos por 6 dias, até que foram conduzidos para o Reformatório Krenak⁵.

Chegamos e ficamos uma noite preso em Belo Horizonte, depois descemos pra Krenak. Lá em Krenak ficamos preso mesmo, prisão desgraçada. Nós preso a noite na cela mesmo. Quando era de manhã tirava pro café e depois nós ia pra um brejo batendo aqui, dentro da lama plantando arroz. Nós saía dessa lama, eu como gostava jogava futebol, ia brincar, e meu pai nunca pegou bola nem de gude. Passamos 18 dias em Krenak preso,

4 Capitão Manoel Pinheiro, da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, responsável pelo Reformatório.

5 O Reformatório Agrícola Indígena Krenak foi um “centro de recuperação” de indígenas mantido pela ditadura militar no município de Resplendor (MG). Começou a funcionar em 1969, em uma área rural, dentro do Posto Indígena Guido Marlière. Para maiores informações, ver: A Ordem a se preservar: a Gestão dos Índios e o Reformatório Agrícola Indígena Krenak, de José Gabriel Corrêa. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Museu Nacional/UFRJ, sob orientação de Antônio Carlos de Souza Lima. 2000.

plantando arroz, capinando, limpando milho... (Diógenes dos Santos).

Na lista de detenções do Reformatório Krenak, no Anexo 4 da dissertação de José Gabriel Corrêa (Corrêa, 2000), encontrei os nomes de Diógenes Ferreira dos Santos e Samado Bispo dos Santos, enviados pelo Cap. Pinheiro em 07 de janeiro de 1970. O motivo constante para a prisão é “desentendimentos com o chefe”.

Não é mesmo de estranhar que José Brasileiro não fosse “engolir a seco” o documento dos seus superiores sobre a posse de Samado, e que certamente se articularia com os invasores interessados para a vingança. Era de pleno conhecimento dos indígenas a relação promiscua que o chefe de posto estabelecia com os invasores, valendo-se de benefícios vários em troca da defesa das posses dos fazendeiros. Aliado a isso, o momento histórico era propício para criminalizações de toda ordem, camufladas por argumentos como “desordem”, “baderna” etc. Diógenes e Samado saíram do presidio indígena em 21 de fevereiro, 45 dias após terem sido presos.

Minha mãe foi em Brasília com finado Roque, e depois de 18 dias veio autorização pra gente, a ordem veio pra soltar a gente. Chegou a carta e o sargento disse que a gente tava liberado. Pegamos o trem, e depois chegamos em Ilhéus, o delegado da policia federal tinha uma intimação que Mamédio [fazendeiro invasor para o qual Samado e família haviam trabalhado] já tinha mandado que nós era invasor. No outro dia, nós sentou com o delegado mais o Mamédio, que ficava dizendo que nós era invasor da terra dele, “Eu quero minha terra desocupada”, gritava Mamédio. O delegado disse “agora conte seu caso Samado. “Ó, seu Mamédio, o senhor sabe que nós fez uma cerca e o senhor não me pagou. Aquela mata que nós derrubou, você me pagou? Seu Mamédio, tudo que foi feito lá dentro foi feito por nós”. “É, mas vocês invadiu”. O delegado da Polícia Federal falou que a terra não era de Idalina, não era de Mamédio, não era de ninguém, era pra usufruto dos índios. “Seu Samado, vá lá pra dentro”. Voltamos. Aí ficaram dizendo assim que não era aldeia, não sei o que (Diógenes dos Santos).

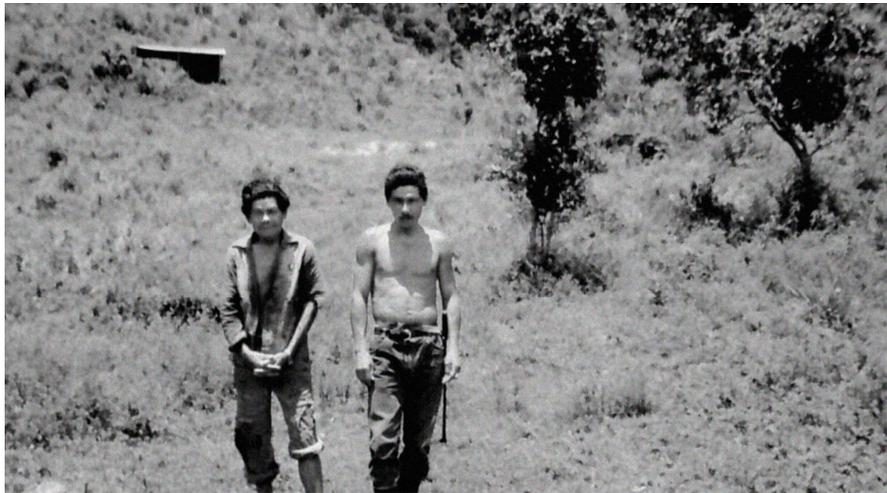


Figura 5 — Samado e Diógenes. Aldeia do Panelão, 1984
Fonte — Acervo de Hermano Penna

A prodigiosa memória que Justina dos Santos possuía era tão encantadora quanto a sua força e segurança. A vida desses dois irmãos foi muito entrelaçada por admiração e confiança mútua, mesmo com os 10 anos

que os separava geracionalmente: “Samado foi meu pai, irmão e compadre”. Entre todas as conversas que mantive com Justina, em nenhuma delas a expressão “Samado, meu irmão” deixou de aparecer.





Figura 6 — Dona Justina. Mundo Novo (Antiga Faz. Paraíso), 2005
Fonte — Acervo de Jurema Machado

Samado! Quando ele pegou na luta dessa terra aqui dentro. Ele tinha dois filhinhos quando pegou nessa luta dessa terra. E aí dessa ocasião pra cá, ele correu porque o tenente Anselmo ia matar o pessoal lá, os índios que tavam mais Zé Caboclo, ia matar tudo. Ele correu mais o finado Vini, foi pra Minas de pé pra pedir socorro. Aí que quando ele foi lá, ele foi no Rio, quando ele chegou em Minas não topou Fontes. Aí a mulher dele telefonou. Ele foi então pensando que Fontes estivesse lá, porque Fontes tinha saído daqui na época da revolta e tinha ido pra lá, né? Ele tava trabalhando na terra pra não entregar a terra ao fazendeiro. Então foi quando ele [Fontes] foi pra Minas, ele foi tomar conta lá do posto de Maxakali. Quando Samado foi lá ele tava no Rio, aí Samado falou pra mulher dele, aí ela foi e telefonou pra ele, ele disse: Gertrudes, Vargas disse: você pode ir rompendo que eu vou mandar a comissão, e aí foi quando eles voltaram. Ele voltou pra trás [Samado], mas o finado Gino. Repare bem, Samado e Gino! Voltou pra trás! Quando eles chegaram aqui a Comissão chamada já ia chegado lá fora, em Itajú, na sede né? O tenente Anselmo já estava em Itajú tomando umas cachaça pra vim matar os índio, mas quando ele veio já tinha chegado Barrada mais o Pinto Coelho e dona Clotilde, a mulher de Barrada. Dois homem que vieram e duas mulher. E então Pinto Coelho foi chegando e perguntou a mulher que tomava conta da sede, disse: Onde é que tem aqui uns índio que diz que tá preso? Ela disse: aí nesse quarto. E o tenente Anselmo foi pra rua tomar uma cachaça, pra quando chegar matar eles tudo. Aí ele foi, meteu a chave, destrancou e soltou o índio.

Ele disse “Samado também não vai ficar porque é gente como Amaro, ele é sobrinho do finado Amaro”. Desse dia pra cá, deu no meio desse pessoal pra tomar as fazenda dos índio, e ele [Samado] caiu fora lá do Rio, viajou muito, a gente ficava se escondendo pelo mato, nós ficava sempre se escondendo por essas pedras, esses morro que tem por aí, dentro das mata, aquelas matona ainda. Pra comer nós ia roubar no nosso terreiro mesmo, aí buscava um arroz que ficasse lá, um pouco de feijão, matar um pinto por lá pra poder ter..., os cachorro nós pegava amarrava a boca com cipó pra num latir. Era uma coisa séria, foi feito, foi feito. Nós aqui güentou muita

coisa. Meu irmão não podia mais apumar aí porque o dia que ele chegou a gente tava sem esperar, quando ele deu fê, de manhã cedo antes dele levantar, já foi chegando Leonídio, que era o jagunço de Liberato; foi chegando Leonídio e Paulo e o Bernardo. Eles já foi chegando assim com os pé na porta. Minha cunhada levantou e disse: o que é assim? Ele disse: cadê Samado? Ela disse assim: Não tá aqui não. Aí ele foi e respondeu: pode falar que eu tô aqui, aí ele levantou. Quando ele saiu eles tavam tremendo na porta. Ele [Samado] disse: entra pra dentro. Eles entrou e sentou. “Zeferina [esposa de Samado], faz um café e dá a esses homem aí”. Queriam matar ele! Aí foi e disse: Samado, muito obrigado, Samado, eu não vim aqui pra conversar contigo não, nós viemo mandado pra nós chegar te topar, só foi te enxergar e te derrubar, mas não. Também tomaram café e viajaram. Depois, de outra vez, eles tornaram a vim de novo aí deram em cima dele toda vida, aí ele corria, ia embora tal e nós ficava escondido pelos mato até quando ele aparecia de novo e então nessa luta a gente correu daqui muitas vezes, a gente foi pro lado de Caraíva, ia pra lá perto de Barra Velha – não é morar, passear né? Porque a gente ficava seis meses, voltava pra aqui de novo (Justina dos Santos).

As posses que Samado resistia duramente para manter foram fundamentais para a luta que viria depois. A reação indígena ao esbulho foi coletivamente organizada em finais dos anos 1970, e iniciada em 1982 em forma de retomadas. Samado começou o processo de “juntar o povo” mais uma vez – como fizera antes quando trouxe as famílias de São Bento – visando impedir a completa intrusão do território e tentando reverter a dispersão que ocorria desde as últimas décadas. Em 1982, a mobilização indígena culminou com a retomada de 1.200 ha – Fazenda Lucas –, simbolicamente localizada na região do Mundo Novo, sede do PI Paraguassu. A Fazenda São Lucas era de propriedade de Jenner Pereira da Rocha, conhecido grileiro e inimigo de Samado, que mandava atear fogo nas suas roças, e que teria também sido um dos articuladores da sua prisão no Reformatório Krenak.

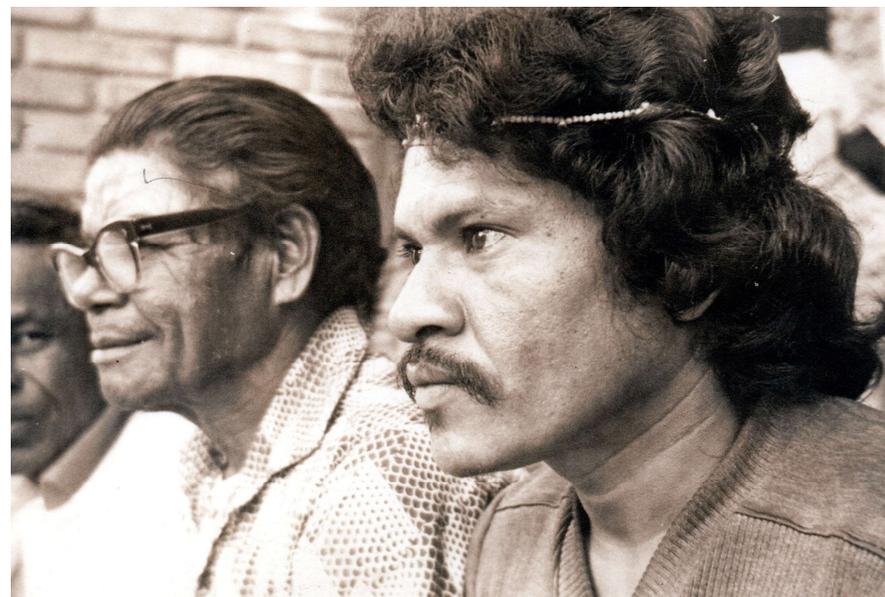


Figura 8 — Nailton Muniz (em primeiro plano) e Samado Santos
Fonte — Acervo de Maura Titiá

A DETERMINAÇÃO EM FAZER VALER O DIREITO À TERRA: LUTA SE INTENSIFICA

A mobilização mais ampla se iniciou em 1978, quando Samado se dirigiu mais uma vez à sede da Funai para reclamar sobre as terras invadidas da reserva. Nessa mesma ocasião, encontrou o tio Ursulino Fernandes e o tupinambá Nailton Muniz. Então, perceberam que estavam ali para um mesmo fim: fazer voltar os parentes à reserva. De volta a Pau Brasil, Samado procura Nailton e Higino, tio de Nailton, os quais residiam com suas famílias no povoado de Palmira, próximo a Itajú do Colônia, e se dirigiu à sede do Posto de Itajú, na tentativa de mobilizar os “descendentes dos índios do mato”. Lá encontrou a velha índia Baheté, e Maura Titiá, que tomou o ímpeto de garantir a ação pelos lados de lá.

Segundo Diógenes, Antonio Carlos Magalhães, na época governador do estado da Bahia, teria feito, inicialmente, vistas grossas à retomada da São Lucas para se vingar de Jenner por motivo que Diógenes não reconhece. “Depois foi que ele viu que o movimento ia se ampliar, foi que começou a agir contra os índios”.

A ameaça de pistoleiros e o desprezo dos regionais em relação aos indígenas eram tão ostensivos, que a Polícia Militar da Bahia instalou dois postos no local. Obviamente, a presença da PM baiana tinha por objetivo impedir o avanço dos indígenas com novas ocupações. “A polícia baiana é anti-índio”, afirma Diógenes.

Ainda em maio de 1982, a Funai passa a ser porta-voz das propostas do estado da Bahia e dos fazendeiros. Propuseram uma troca: os indígenas sairiam da área retomada, da reserva, e receberiam uma outra terra. Ocorria que as terras que estavam sendo oferecidas pelo estado eram federais, a Reserva Biológica de Una, do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF)⁶. Graças às pressões de Samado e outros líderes, a proposta não foi adiante. Em 08 de setembro de 1982, uma segunda proposta foi apresentada em audiência entre a Funai e o Instituto de Terras da Bahia - INTERBA⁷. A Funai queria

6 Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), entidade autárquica que era integrante da administração descentralizada do Ministério da Agricultura. Criado por Decreto-Lei 289, de 28 de fevereiro de 1967. Extinto pela Lei 7.732, de 14 de fevereiro de 1989.

7 Órgão em regime de programação especial da administração central-



Figura 7 — Reunião do "grupo de luta pela terra", com Samado ao centro
Fonte — Acervo de Maura Titia

De volta ao PI Paraguaçu

Transferidos arbitrariamente e ilegalmente pela Funai, dia 4 de outubro do ano passado, do Posto Indígena Paraguaçu para a Estação Experimental de Almada, os índios Pataxó-Hã-Hã-Hãe, liderados pelo cacique Nelson Saracura, prometeram retornar às suas terras até o dia 20 de dezembro. Esse era o prazo final que eles concederam para que a Funai honrasse o compromisso de resolver a questão da posse das terras, envolvendo mais de 300 fazendeiros que invadiram a área dos Postos Indígenas Caruru e Paraguaçu. A Funai não resolveu problema algum. E os índios voltaram a suas terras no município de Pau Brasil, Sul da Bahia, cumprindo a promessa com quase duas semanas de antecedência.

Auxiliados por integrantes da Sociedade Brasileira de Indigenismo (SBI), os Hã-Hã-Hãe alugaram caminhões e kombis para transportar a mudança, numa audaciosa operação que durou três dias. Dois fatores pesaram na decisão dos índios de não esperar até 20 de dezembro. O primeiro foi a concessão da liminar, pela juíza Anna Maria Pimentel Tristão, da 2ª Vara da Justiça Federal de Brasília, ao mandado de segurança impetrado pelos líderes Hã-Hã-Hãe, Hígino Francisco Muniz, Samado dos Santos e Luis Alberto Ferreira dos Santos, contra o presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal. (A liminar, que impugnou o ato da transferência dos Hã-Hã-Hãe

sil. Os fazendeiros redobram suas ameaças, sempre insultados pelo governador Antônio Carlos Magalhães, com quem mantiveram seguidos encontros nesse período. O grau de assistência do Governo balança aos fazendeiros chegou ao ponto de Magalhães tornar-se porta-voz do grupo. Foi ele, por exemplo, quem se encarregou de anunciar a contratação de dois novos advogados para a inglória causa dos invasores, Josephat Marinho e Pacifico Ribeiro.

Pintar a sinistrose exigida para o momento ficou por conta do procurador geral do Estado da Bahia, Paulo Spínola Pereira. Em radiograma que passou para o ministro do Tribunal Federal de Recursos, Jarbas Nobre - o mesmo que cassou a liminar da juíza Anna Maria Tristão - o procurador não economizou chavões tipo "barril de pólvora" e "pescadores de águas turvas" para descrever a situação criada no Sul da Bahia depois da volta dos Hã-Hã-Hãe. "... sente-se - dramatizou Spínola Pereira de maneira muito clara, a presença e a atuação mais dos que estão tentando fazer surgir um cadáver, o primeiro cadáver, que sirva de bandeira para uma luta inglória, o começo, quem sabe, de uma Canudos moderna".

COMUNISTAS, CLARO

Foi este tipo de argumento -



Líderes por Nailton, Samado e Hígino, eles permaneceram na terra e garantiram a volta de seus irmãos ao PI Paraguaçu

que considera os índios incapazes de pensar e agir por conta própria - que levou o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, a buscar um bode expiatório para o conflito, brandindo a Lei de Segurança Nacional. Dia 12 de janeiro, Ackel enviou expediente ao Departamento de Polícia Federal, determinando a instauração de inquérito para apu-

rar "as responsabilidades pelo incitamento dos índios na invasão" da ex-fazenda São Lucas.

Antes que a Polícia Federal tivesse tempo de acionar seus agentes, já o governador da Bahia tinha encontrado os culpados. "Foram os comunistas", proclamou o trêfego Antônio Carlos Magalhães. Ao mesmo tempo, porém,

uma fonte do Ministério da Justiça se apressava em dizer que o inquérito não iria adiante, por causa do "envolvimento de policiais federais e funcionários graduados da Funai" no suposto incitamento.

Quarenta e seis anos antes, o comunismo também foi usado como pretexto pelo então governador da Bahia, Juraci Magalhães, para mandar 200 soldados invadirem o Pos-

Imagem 9 — Jornal Porantim de 1983
Fonte — Acervo do CIMI Itabuna

6.500 ha, mas o Estado da Bahia oferecia 2.200 ha. no município de Wenceslau Guimarães. Nesta reunião, os indígenas não estavam presentes, e quando tomaram conhecimento da proposta apresentada pela FUNAI em nome deles, recusaram-na inteiramente, assim como a transferência para Wenceslau Guimarães.

Em matéria da Folha de São Paulo, de 13 setembro de 1982, Samado e outros líderes afirmam não querer a transferência. Os indígenas também foram levados para ver 16 ha na aldeia de Coroa Vermelha, município de Santa Cruz da Cabrália, Bahia. A proposta foi igualmente recusada.

A quarta e última proposta do Governo da Bahia, que foi apresentada pela Funai, tratava-se de uma

izada, que estava diretamente subordinado à Secretaria da Agricultura, e tinha a finalidade de executar a política estadual de disposição de terras públicas. Criado pela Lei nº 3.255 de 15 de maio de 1974. Após várias reformulações, foi extinto com a Lei 7.435, de 30 de dezembro de 1998. Atualmente, o órgão estadual que gere as terras do Estado da Bahia é a Coordenação de Desenvolvimento Agrário - CDA, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural. Em relação ao INTERBA, a CDA tem muito menos recursos e autonomia.

transferência temporária para o Centro de Estação Experimental de Almada, a 25 km de Ilhéus: 130 ha de terra não cultiváveis, onde os indígenas viveriam às custas da Funai até o término das eleições. Após isso, voltariam para a reserva. O ano de 1982 era de eleições diretas para governador, após a instalação da ditadura militar. Antônio Carlos Magalhães, já em segundo mandato indicado pelos militares e referendado pela Assembleia Legislativa do Estado, primeiro em 1970 e depois em 1978, almejava fazer sucessor nas eleições diretas. Mas o movimento dos indígenas representava óbices ao seu projeto, já que ele contava com a força e apoio dos fazendeiros da região sul. Assim, a proposta da transferência temporária para Almada foi parcialmente acatada. Algumas famílias para lá se mudaram, entretanto, Samado, assim como Maura Titiá, Nailton Muniz e seu tio Hígino Muniz negaram a transferência e resistiram na Fazenda São Lucas, o que foi fundamental para garantir a posse e a continuidade da luta para a ampliação do território, levada a cabo nas décadas subsequentes.

ato final

A retomada da São Lucas deu início a um processo jurídico que durou 30 anos até seu julgamento final no Supremo Tribunal Federal. Foi só em 2012 que os Pataxó Hãhãhãe puderam expulsar seus invasores e opressores definitivamente. Samado já não vivia mais entre eles, ou melhor, como os indígenas gostam de referir: "ele já havia encantado". No entanto - e como por encanto mesmo - sua imagem esteve presente no dia do julgamento da Ação de Nulidade de Títulos, naquele 02 de maio de 2012, quando dezenas de Pataxó Hãhãhãe vestiam camisas com sua foto, onde atrás lia-se "Sirvo de adubo para essa terra, mas dela não saio". Essa frase foi dita por Samado em uma das inúmeras vezes em que tentaram negociar suas terras e fazê-lo desistir de seus direitos.

Roque, Diógenes, Elita, Laura, Gerosina, Antonio, Teodoro foram os filhos que Samado teve na sua união com Zeferina. Da sua união com outra companheira, Zinha, nasceu Idaci, conhecida como Pouran. Melancolicamente, encerrei minha conversa com Diógenes, ao pé da aldeia velha do Panelão, com ele dizendo: "Samado morreu em Eunápolis, à mingua, por não ter tido assistência devida da Funai. Na época, não teve medicamento para ele, morreu de tuberculose, devia ter uns 80 anos por aí, assim. Era meio velho o meu pai".

Samado morreu em 9 de setembro de 1998.

referências bibliográficas

CARVALHO, Maria Rosário G. de. Trajetórias e Histórias Insurgentes: os Kariri-Sapuyá da Pedra Branca, Recôncavo Sul Baiano. Salvador: Edufba, 2022.

CORRÊA, José Gabriel. A Ordem a se preservar: a Gestão dos Índios e o Reformatório Agrícola Indígena Krenak. 2000. 216f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOUZA, Jurema Machado de A. Souza. Os Pataxó Hãhãhã e as Narrativas de Luta por Terras e Parentes no Sul da Bahia. 2019. 369f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília, DF.